



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercica

Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO : Folk-lore — O centenario de' uma casa editora — Concertos — Noticiario — Necrologia

Folk-lore

Ha alguns annos que entre nós se nota um certo movimento de curiosidade e interesse, por parte de letrados e de musicos, em favôr do nosso tão rico como inexplorado *folk-lore*.

Estylisam-se as canções, mais ou menos authenticas, do povo, colligem-se e publicam-se cantigas de varias provincias, inventam-se outras com identico character e sabôr, propagam-se muitas d'ellas pela audição e até se fazem concertos inteiros em homenagem á sadia e ingenua musa popular.

Acompanhamos de ha muito, e com intensa sympathia, todo esse movimento em que desejaríamos vêr apenas o despertar da alma portugueza para uma das mais sinceras e porventura mais interessantes expressões d'arte.

Sómente, notamos falta de serenidade n'esse acordar e lastima seria que as intimas fibras do sentimento artistico nacional, que durante tão largos annos se quedaram atonicas, houvessem agora de estalar ao embate de desencontradas vibrações...

Porque, em bôa verdade, o que nos falta, tanto n'essa como em tantas outras manifestações d'actividade, é a ponderação e o methodo, que são regulador infallivel para nortear todo e qualquer esforço.

Ora dado que, dentro do assumpto que nos serve de thema, é a canção ingenuamente popular, a canção nascida do povo e por elle conservada tradicionalmente, que

constitue a *materia prima* para todos os efeitos, parece que ao paciente e cuidadoso inventario d'essa riqueza d'arte se deviam destinar as primeiras investigações e trabalhos.

Não se tem feito contudo assim e, salvo excepções raras, os cantos que entre nós correm impressos como vindo authenticamente do povo são productos mais ou menos hybridos da fantasia ou da ignorancia dos arranjadores e, por vezes, do condescendente commercialismo dos editores.

Assim, em grande numero d'esses cantos, a propria modalidade primitiva, que lhes dava toda a graça e perfume, é substituida pela que fôr mais consentanea com os preceitos da grammatica. E na mór parte d'essas melodias, que o povo canta ao som das violas ou do accordeon, rudemente harmonisadas, intromettem o Reicha e o Durand a mais apimentada das suas quintas diminutas!

E' por isso que folheando ha dias um livro ultimamente publicado, *Velhas canções e romances populares portuguezes*, tivemos a satisfação de vêr que alguém se aventurava por caminho diverso. N'esse curioso repositorio de cantos do povo, encontramos sete antiquissimos romances e xacaras, com a sua competente letra *de cordel*, uma serie de cantos *ao divino*, recolhidos principalmente no Douro, Beiras e Alemtejo, varios hymnos e canções politicas abrangendo os principaes acontecimentos do seculo passado, e finalmente alguns exemplos typicos de canções choreographicas, satyricas, amorosas, comicas, etc., em que, tanto na letra como na mu-

sica, se manteve um respeitoso cuidado de transcrição. Ao auctor d'esta valiosa compilação, o sr. Pedro Fernandes Thomás, devemos pois um dos melhores e mais honestos trabalhos que n'este genero se tem produzido em Portugal. Aqui, as melodias apresentam-se despidas de pomposos acompanhamentos, que o povo não pode nem sabe usar; as modalidades tradicionaes são conservadas na sua pureza; a harmonisação de alguns dos cantos, a duas e tres vozes, são genuinamente as que o povo emprega por instincto.

Claro está que não são ineditas todas as canções agora publicadas, mas as versões que o sr. Fernandes Thomás acaba de revelar-nos, parece que devem ser as que maior confiança nos podem merecer, vista a orientação geral do seu trabalho e a reconhecida probidade dos processos adoptados. Não fallamos, porque teríamos de ir longe, no valôr estheticó das composições musicas que constituem a nova collecção; mórmente na serie religiosa, ha numeros que são verdadeiras joias de inspiração, sentida e crente, que já hoje não pode ser apanagio das camadas cultas nem dos centros de maior actividade mental.

E' pois um cantinho d'arte a mais pura que nos vem desvendar o auctor d'este novo trabalho. Valorisa-o ainda, e de maneira inestimavel, o magistral prefacio com que o sr. Antonio Arroyo exordiou a obra, e que é uma verdadeira lição sobre os assumptos que com o nosso *folk-lore* se relacionam. Nas primeiras 50 paginas do livro, condensou o illustre critico a apreciação das tentativas feitas, mesmo lá fóra, para uma acertada inventariação da canção popular, apontando com subtil criterio quaes os erros que convem evitar para se fazer trabalho serio e productivo. E' evidentemente o estudo mais completo e mais judicioso que temos visto sobre o *folk-lore* musical portuguez.



O Centenario d'uma Casa Editora

Não são muitas as casas editoras de musica, que tenham já completado um seculo de existencia e ha só una, que nos conste, que esteja prestes a attingir o seu segundo centenario, a casa Breitkopf & Härtel, de Leipzig, fundada em 1719, que durante a sua longa vida tem lançado no mercado as

maiores obras primas da musica de todas as edades e de todos os paizes.

Foi só no crepusculo do sec. XVIII que a edição musical tomou o necessario desenvolvimento com a applicação da gravura às chapas de zinco e com a invenção da typographia. Antes d'isso, a reprodução da musica havia sido ensaiada por varios modos: pela execução manual, pela xilographia, pela typographia, etc.

O processo da typographia, com caracteres moveis, que dizem ser invento de Ottaviano dei Petrucci da Fossombrone (1501), teve uma grande divulgação durante os sec. XVI e XVII e attingiu, mórmente nas mãos de C. Plantin, de Antuerpia, uma applicação perfeita. Em Portugal mesmo, e a partir do fim do sec. XVI, a tradição da estampa typographica manteve-se com bastante brilho, graças a um discipulo de Plantin, Pedro Craesbeck, que veiu crear a Lisboa essa industria especial.

Mas esses velhos methodos de reprodução, obrigando o editor a despezas grandes, encareciam notavelmente o preço de venda e limitavam portanto as tiragens. Os pequenos trabalhos eram confiados aos amanuenses; as obras de certo tomo é que se levavam á imprensa para uma limitada tiragem, que nem sempre pagava os enormes gastos do editor.

Foram portanto a typographia e a zinco-graphia que mais poderosamente concorreram para a propaganda das obras musicas.

Com ellas se banalisou a edição, não ha a menor duvida. Todo o caracter artistico dos antigos in-folios desapareceu para sempre. Vão-se as preciosas e decorativas vinhetas, as letras enfeitadas, todo esse arsenal de adorno que fazia de certas edições plantinianas um objecto absolutamente deleitoso para todo o homem de bom gosto. O solido pergaminho cede a vez ao papel barato. A propria tinta já não consegue manter por muitos annes a sua nitidez e frescura.

Mas as tiragens multiplicam-se ao infinito e o preço desce ao inverosimil. E' disso que precisa, não só o editor para alargar a rede das suas operações, mas principalmente o musico para ver a sua obra espalhada aos quatro cantos do mundo.

Não é portanto de extranhar que com a invenção d'aquelles dois expeditivos processos de vulgarisação coincidissem o desenvolvimento quasi repentino da respectiva industria. Assim, em fins do sec. XVIII e principio do seguinte, são numerosas e importantes as casas editoras de musica, existindo ainda hoje algumas, como André de

Offenbach sobre o Meno, Artaria de Viena, o já citado Breitkopf, Hofmeister e Peters de Leipzig, Ricordi de Milão, Schlesinger de Berlim, Schott de Mogúncia, Simrock de Berlim e Schmidl de Trieste.

A ultima d'estas casas, e justamente a proposito do seu centenario, publicou ha mezes um folheto commemorativo devéras interessante. Fallando do fundador da casa, Domenico Del Maschio, mais conhecido por Domenico Vicentini, refere-se largamente aos seus processos de réclame, aos usos commerciaes d'aquelle tempo e ao estado em que se encontrava a arte musical na linda cidade adriatica. Depois descreve, e essa é a parte mais valiosa do folheto, os principaes acontecimentos musicaes, que se desenrolaram em Trieste no ultimo seculo, e termina por uma allusão, aliás breve para um livro d'esta natureza, aos melhoramentos introduzidos n'esta importante casa editora por Carlo Schmidl, seu actual proprietario.



Teve grande concorrência e agradou muito em todos os seus numeros o concerto que a *Academia de Amadores* effectuou em 28 do mez passado para commemorar o 30.º anniversario da sua fundação.

Em uma substanciosa oração com que o sr. Arthur Lobo de Campos prefaciou a festa, poz-se em relevo o muito que a *Academia* tem feito pela propaganda da arte entre nós e os valiosos serviços que ainda pode prestar a essa grande causa. Como antigos amigos d'este prestimoso instituto, associamo-nos de optimo grado ás palavras d'aquelle illustre orador e fazemos votos os mais sinceros pelas suas prosperidades e longa vida.

Uma das partes mais interessantes da festa foi a demonstração da poesia classica desde o seculo XIII até ao XIX, feita pelas alumnas da nova classe de dicção, sr.^{as} D. Sarah de Sousa, D. Ilda Cisneiros, D. Maria Helena Varela Cid, D. Olympia Perry Vidal Bastos, D. Lucinda dos Santos Vieira, D. Lidia Cutileiro, D. Emma e D. Maria I. Torres Gomes.

A parte musical foi prehenchida por varios numeros d'orchestra e de côros, sendo

tambem executada uma *Sonata* de Beethoven, de violino e piano, pelos srs. Lourenço Varela Cid Junior e D. Benedicta Santos.

* * *

No jardim Passos Manoel, do Porto, tem havido alguns concertos classicos, bastante interessantes.

Nos dois programmas que temos á vista, de 1 e 4 d'este mez, figuram entre outras obras, uma *Sonata*, *Trio* e *Quarteto* de Beethoven e um *Quarteto* de Mendelssohn.

Estas peças teem sido executadas pelo grupo Nicolino Milano, de que hoje fazem parte o applaudido pianista Jaudoin e o violoncellista Juan Casaux, alem de outros artistas muito estimados no Porto.

* * *

Na tarde de 7, a convite da illustre professora de canto, sr.^a D. Carolina Palhares, tivemos o prazer de ouvir uma das suas optimas discipulas, que viria confirmar, se de tal confirmação carecessemos, quanto aqui temos dito acerca da sua proficiencia e methodo.

E' um dos ramos da actividade musical, o *bel-canto*, em que realmente se tem distinguido, por forma notavel, muitas das nossas amadoras da actual geração, e a amargura, ligeiramente sceptica, com que, mau grado nosso, temos de encarar o estacionamento das nossas cousas artisticas em geral, ha de forçosamente desarmar perante esta curiosa revelação de aptidões que, no dominio da arte vocal, se tem mostrado frequentes e dignas mesmo de todo o louvôr.

D'entre essas aptidões, algumas se destacam com intenso brilho. E é o caso da sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues que tivemos agora a fortuna de admirar.

Obedece a sua voz, pelo timbre e pela côr, ao *cliché* consagrado nos grandes sopranos ligeiros que temos ouvido, a Varesi, a Paccini e outras. Voz portanto puramente timbrada, de afinação mathematica, mecanicamente malleavel até ao acrobatismo, mas um tanto pallida e infantil, como se apenas dispuzesse de um restricto teclado, aliás encantadôr, d'expressões cariciosas e de côres ternas. Voz que se admira, voz que poucas vezes commove. Com este material, que é o proprio das cantoras do seu genero, a sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues consegue effeitos extraordinarios e realisa, já com evidente pericia, as mais difficeis volatas.

Nas tres peças d'exame que nos apresen-

tou, rondós da *Somnambula* e da *Lucia* e aria do *Hamlet*, mostrou a gentil estreante como tem sabido aproveitar os sabios conselhos da sua professora e o enorme partido que se pode tirar de uma leccionação ponderada e consciente. Assim, a numerosa assistencia que enchia o salão do Conservatorio envolveu ambas na mesma ovação phrenetica e sentida, querendo significar, e com justiça, que era ao merito d'ambas que se devia esta bella e inolvidavel sessão d'arte.

* * *

As ultimas sessões de musica de camara, de que temos noticia e que com tanto exito se tem realisado na casa portuense de Mello Abreu, tiveram lugar em 1, 5 e 8 do corrente mez. Coube a vez n'estes concertos a segunda *Sonata* de Grieg (piano e violino), *Trios* de Amani e Saint-Saëns, minueto do *Quarteto* op. 29 de Schubert, scherzo do *Quarteto* op. 54, 1 de Mendelssohn, *Quinteto* de Saint-Saëns e *Sexteto* de Brahms.

Sobre o trio de Amani, para violino, violoncello, obra até aqui desconhecida entre nós, reproduzimos a nota do proprio programma. Amani é um joven compositor russo, discipulo do celebre Rimsky-Korsakoff a quem a obra é dedicada. Esta composição, de interessante polyphonia, tem notaveis effeitos de sonoridade, muita invenção e abundancia de ideias. Sente-se palpitar n'ella um talento vigoroso que provavelmente virá a ser uma das glorias da grande escola russa.

Na execução das peças acima apontadas collaboraram os seguintes artistas: D. Leonilda Moreira de Sá e Costa, D. Maria The-reza Pinheiro, D. Maria Adelaide Diogo, Bernardo Moreira de Sá, Alberto Pimenta, Benjamin Gouveia, Hasdrubal Godinho, J. Casaux, José Gouveia e Luiz Antunes.

* * *

No domingo 8 realisou-se no theatro da Republica o 9.º concerto d'assignatura da Orchestra Symphonica Portugueza dirigido pelo maestro Pedro Blanch.

A primeira parte do programma foi destinada á execução da suite de Tchaikowski, *Casse-noisette*, já ouvida em outra audição e que nos desperta um mediocre interesse, o que aliás nos succede com quasi todas as composições d'este auctor.

A orchestra esteve bastante feliz na execução d'esta obra, especialmente na *Danse Chinoise*, que foi bisada e na *Danse des Mirlitons*.

Repetiu-se a despedida de *Wotan* e en-

canto do Fogo da *Walkiria*, procurando o maestro Blanch satisfazer ás exigencias d'esse monumental chefe d'obra, no que foi secundado com a melhor boa vontade por toda a orchestra. Os *preludios* de Liszt não tiveram agora a execução deveras notavel que lhe ouvimos na epoca passada. Ainda assim foi um dos numeros do programma que mais nos satisfez.

Na segunda parte do programma executou-se o celebre *septuor* de Beethoven com os instrumentos dobrados, menos trompa, fagote e clarinete.

E' uma obra da primitiva maneira de Beethoven e por isso resentindo-se da escola de Mozart onde o grande mestre se inspirou para as suas primeiras composições. Ainda assim não deixa de ser uma notabilissima obra em que se começa a evidenciar o pulso do que, mais tarde, compoz a 9.ª symphonia.

No septuor de Beethoven, cada executante é por assim dizer um solista, razão pela qual se torna a obra extremamente difficil. Mas, se todos os instrumentos tem responsabilidades a cumprir, não ha duvida que a parte da trompa exige um artista de dotes excepcionaes, o que hoje é *avis rara*.

Creemos que na intenção de poupar o trompista, o sr. Blanch nos cortou o adagio e minueto, dois numeros de rara belleza. Parece-nos comtudo que se deveria ter dado um pequeno cavaco ao publico da mutilação que soffreu o septuor.

N'esta obra provou mais uma vez o maestro Blanch que possui naipes de cordas de primeira ordem. Só com bons executantes se poderia alcançar o exito com que todas as passagens mais escabrosas, confiadas ao quartetto, foram quasi sempre vencidas. No thema com variações não foi só a corda que se distinguiu, mas tambem o fagote e clarinete mostraram ser artistas de valor e dos quaes ha muito a esperar.

A cadencia do ultimo andamento, que foi bem iniciada pelos violinos, tornou-se pouco depois desigual e confusa. Um bravo aos violoncellos pela correção com que foi executada a incommoda passagem do scherzo.

L. C.

* * *

Bello serão d'arte o que Rey Colaço nos proporcionou em 9, na sala do Conservatorio.

O primeiro numero do artistico programma foi o *Quinteto* de Dvorák, obra que mais interessa pela peregrina belleza de alguns dos motivos regionaes de que se

compõe, do que propriamente pela urdidura philosophica do conjunto, a que falta a consistencia e por vezes a boa deducção. E' todavia um trabalho de valôr e de effeito, que foi magistralmente desempenhado pelos srs. Colaço, Benetó, Mackee, Lamas e Somers Cocks.

O resto do programma foi confiado ás talentosas filhas do promotor do concerto, que porfiaram em proporcionar-nos deliciosas emoções d'arte. A pianista, D. Maria Rey Colaço, em cuja educação se fez mais directamente sentir o influxo paterno, é hoje uma artista que se ouve com infinito prazer: a elegancia e propriedade no phrassar e a delicadeza e elasticidade do *toucher* impõe-na já como uma digna sucessora do seu mestre. Da cantora, D. Alice, não a tendo ouvido depois do seu *séjour* artistico na Allemanha, devemos dizer que nos causou surpresa o desenvolvimento da sua cariciosa voz de meio-soprano, outr'ora demasiado delgada; da malleabilidade da sua interpretação deu provas seguras, cantando Caldara e outros antigos e pouco depois Max Reger, Reynaldo Hahn e Debussy. Do temperamento artistico da filhinha mais nova de Rey Colaço, D. Amelia, ninguem poderá duvidar depois de a ouvir recitar; bastaria a forma como disse as pequenas e encantadoras poesias que Lopes Vieira adaptou ás *Scènes d'enfants*, de Schumann e a maneira como assimilou as inflexões do seu grande mestre de dicção, para se lhe poderem conceder desde já foros legitimos de optima *diseuse*.

E o modo como por ella e por sua irmã Maria foi detalhada a graciosa *suite* do genial romantico allemão, e a propria essencia d'essa obra a que o talento do notavel poeta portuguez acrescentou um novo encanto, seriam tambem mais que bastantes para nos gravar no espirito, por longo tempo, um tão bello momento artistico.

*
* *

O professor Alberto Sarti organisou com requintado gosto artistico uma sessão de musica vocal, que levou a effeito em 10 no Salão do Theatro de S. Carlos. Tomaram n'ella parte eximios solistas, como D. Maria Luiza Ochoa, D. Izabel Northway do Valle, D. Sarah Marques de Sousa, D. Maria Ferraz da Costa Bravo e D. Sylvia Xavier Cordeiro e os srs. Alfredo de Mascarenhas e Léon Duloube, que cantaram um escolhido repertorio de arias e romanzas, entre as quaes algumas do promotor do concerto.

Na 3.^a parte do concerto ouviram-se al-

guns deliciosos coros de Sarti, tendo um exito extraordinario o *Bailarico e a Desgarrada*, a *Canção da cantarinha* e a *Canção bisbilhoteira* em que *Mesdemoiselles* Ochoa, Bravo e Marques de Sousa e o barytono Mascarenhas conquistaram, como solistas, uma larga messe de bem merecidos applausos.

Collaboraram tambem n'este bello concerto a prestigiosa pianista, sr.^a D. Judith Luisello e o tão apreciado violinista, sr. Cesar Leiria.

*
* *

No Salão do Conservatorio realisou-se, em 11, uma festa de homenagem ao barytono portuguez, sr. Alfredo Mascarenhas.

Constou de numeros de canto e de orchestra, sendo esta dirigida pelo sr. dr. José de Padua.

Não recebemos convite.

*
* *

Para 12 annunciou-se um concerto da pianista Angélique de Beer no Salão do Conservatorio.

Já não podemos dar conta d'elle n'este numero.

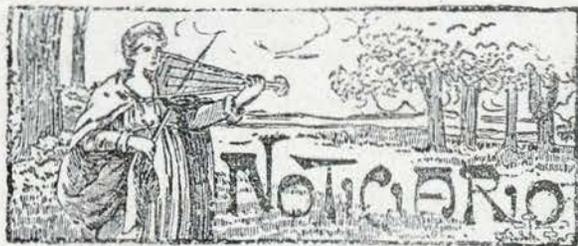
*
* *

Em 31 de janeiro e 8 d'este mez realisaram-se os ultimos concertos orchestraes do Polytheama, não fallando no que está annunciado para hoje e de cujo programma não temos ainda conhecimento á data em que escrevemos.

O concerto de 31 e 11.^o da serie teve no programma a abertura do *Egmont* de Beethoven, o *Peer Gynt* de Grieg, a abertura do *Rienzi* de Wagner, os *Cantos do meu paiz* de Thomaz de Lima, peça que é sempre ouvida com extremo agrado, a abertura do *Tannhäuser* de Wagner, *Minueto* de Paderewski, *A um lyrico* de Mac Dowell e *Marcha hungara* de Berlioz, sendo a maior parte das peças muito ovacionadas e algumas até repetidas a pedido do publico.

Optimo foi tambem o concerto de 8, que teve um programma nimiamente artistico: *A noiva vendida* de Smetana, a *suite* do *Sigurd Jorsalfar* de Grieg, a quarta *Symphonia* de Glazounow, o poema symphonico *Finlandia* de Sibelius e a abertura dos *Mestres cantores* de Wagner.

No concerto de hoje, deve tomar parte a distincta pianista Angélique de Beer.



PORTUGAL

O nosso glorioso pianista José Vianna da Motta deu ha pouco em Berlim (4 d'este mez) um concerto em que teve uma larga representação a musica portugueza.

N'elle collaboraram sua esposa, a primorosa cantora que a sociedade lisbonense tanto admira, uma pianista allemã, M.^{elle} Edith Albrecht, e um quarteto catalão que actualmente se encontra em Berlim, de passagem.

No programma que temos á vista se mencionam dois numeros de quarteto de cordas, varias melodias vocaes, entre ellas *Olhos negros*, *Estrella*, *Lavadeira* e *Caçador*, e obras pianisticas, *Ballada* sobre 2 motivos portuguezes, *Chula*, *Vito*, etc. — tudo composições do illustre artista que na sua maioria definem o character das nossas canções e motivos populares.

E' optimo que lá fóra se torne conhecido o nosso *folk-lore* e Vianna da Motta, se repetir este genero de concertos em varios pontos da Allemanha, prestará um relevante serviço á sua terra natal, que tudo tem a lucrar em tornar-se conhecida e apreciada lá fora.

No artigo que consagramos ultimamente aos *Maîtres Contemporains de l'Orgue* do abbade Joubert, escapou-nos mencionar, entre os compositores portuguezes que figuram na valiosa anthologia, o nome do illustre professor Ernesto Vieira, que n'ella concorreu com um *Interludium*.

O *Ecco Musical*, que nos honrou com a transcripção do artigo, não deixa de frisar o lapso, que muito desejaríamos ter sido o primeiro a lastimar se d'elle tivéssemos conhecimento antes. O motivo provavel que aquella folha insinua para a nossa falta é que nos parece, sobre pueril, injusto, pois esquecer que o sr. Ernesto Vieira foi o mais prestimoso fundador da nossa revista e d'ella se occupou seguidamente até ao fim da publicação do seu brilhante *Diccionario biographico*, isto é, durante nada me-

nos de quatro annos, seria ingratitude maxima que, nem por brincadeira ou por hypothese, se nos pode razoavelmente attribuir.

Está em nosso poder o 4.^o volume dos *Annaes do Orpheon Portuense* abrangendo um periodo de mais de dez annos, desde novembro de 1902 até maio de 1913.

E' realmente, como diz o frontespicio, uma «contribuição para a historia da musica em Portugal» e importante contribuição se tivermos em vista os altos serviços que, sem discontinuidade, vem prestando o *Orpheon* ao desenvolvimento do gosto musical na capital do norte.

Nos ultimos annos então, é curioso constatar que toda a corrente de artistas estrangeiros, graças ao *Orpheon*, se tem canalizado para o Porto. É essa corrente, que o nosso desamôr lisboeta pelas cousas d'arte não quiz manter, afastando antes pela indiferença e pelo abandono os bons artistas que nos podiam de quando em quando visitar, tem concorrido no Porto, e não pouco, para afinar o gosto publico, para estimular o nosso artista e para crear emfim o ambiente necessario á comprehensão das obras primas e ao respeito pela boa arte.

Aqui estacionamos e lá progride-se : é o resultado fatal da differença de processos.

O nosso soprano ligeiro, Ergina Gaspar, vae fazendo boa carreira em Italia.

Ultimamente foi convidada para tomar parte em um concerto em Milão, e informam-nos que foi muito festejada.

O professor Alfredo Napoleão realisa a 28 na Liga Naval um variado e attrahente concerto, em que alem do promotor deverão tomar parte o illustre violinista Francisco Benetó e o distincto flautista amador, sr. Joseph Lazarus.

Está annunciada para esse concerto a *Sonata à Kreutzer*, alem de varias composições de Alfredo Napoleão, das quaes algumas acompanhadas a orchestra.

Privamos hoje os nossos leitores da sempre interessante chronica mensal, com que o nosso querido amigo Affonso Vargas ha

tantos annos illustra estas paginas. Sentimol-o duplamente, visto o motivo ser a falta de saude do nosso dedicado compa-
nheiro de redacção, a quem de todo o
coração desejamos um prompto restabeleci-
mento.

* * *

Em 8 d'este mez teve logar no salão
Jardim da Trindade (Porto) uma encanta-
dora festa, exclusivamente votada à can-
ção portugueza. Executaram-se composi-
ções caracteristicas de Antonio Vianna,
Fernando Moutinho, Julio Moutinho, Luiz
Quesada, Alberto Pimenta, Ernesto Maia,
Manuel Figueiredo, Oscar da Silva e Aarão
de Lacerda.

Este ultimo compositor, que, como é no-
torio, se distingue por um raro talento de
conférencier e de critico d'arte, fez uma
brilhante exposição sobre a indole da nossa
canção e sobre varios assumptos de *folk-
lore*.

Pareceu-nos tão interessante o extracto
que o *Primeiro de Janeiro* publica d'essa
notavel conferencia, que, com a devida
permissão do brilhante diário portuense,
não resistimos à tentação de o recortar
para os leitores da *Arte*.

Diz o *Janeiro* referindo-se ao dr. Aarão
de Lacerda:

«Considera a Canção portugueza como a
resultante de elementos remotos e espar-
sos. Falla nos elementos constitutivos da
nacionalidade: nas influencias arabe e
gotica, gallo-franka e gallo-romana. Cita
os vestigios das festas pagãs entre nós e
existentes entre os germanos escandinavos.
Refere-se à festa de S. João e cita os tra-
balhos ethnographicos de Rocha Peixoto.
Faz uma exposição detalhada de todos os
precedentes historicos da Canção, referindo-
se especialmente à do Figueiral de um in-
teresse enorme. (Para a caracterisar foi
executada ao piano pelo professor sr. Ma-
nuel Figueiredo). Cita os diversos ciclos
litterarios das Gestas. Fala na falta de do-
cumentos com notação musical em Portu-
gal, para se traçar a curva evolutiva da
musica entre nós.

Refere-se aos nossos trovadores, lendo
uns versos do Cancioneiro de D. Diniz. Cita
a seguir o ciclo greco-latino. Fala da lucta
da egreja contra o elemento profano tão
peculiar à arte popular, referindo-se ao
Índice expurgatorio de 1642. Estuda a de-
cadencia da arte popular e o seu abando-
no por parte dos cultistas. Analisa a Nau
Catarineta e a respectiva musica extraida
do livro ha dias publicado por Pedro Fer-

nandes Thomaz sobre que fala tambem de-
moradamente.

Define o romantismo e fala na formação
folk-lorica nos diversos paizes e em Portu-
gal. Refere-se ao sentido das lendas e às
escolas de interpretação mitographica.

Caracterisa a ideia da evolução predomi-
nante em todas as sciencias desde Darwin.

Portugal tem depois especiaes referenci-
as, fazendo o dr. Aarão de Lacerda a histo-
ria do renascimento dos esquecidos temas
nacionaes. Fala nas quatro zonas da can-
ção apresentadas por Antonio Arroyo e
estuda por fim as melodias populares por-
tuguezas com uma interessantissima exem-
plificação musical feita ao piano. Fez a
comparação da Aurora da Ilha de S. Mi-
guel com um coral luteriano para mostrar
a superioridade da ideação popular.

Termina por definir o actual movimento
litterario em que a nova geração tem tão
grande papel a cumprir».

Tambem se referiu o orador a um opus-
culo do director da nossa revista, *Chansons
et Instruments*, publicado ha annos, e felo
em termos de tão requintada cortezia, que
nos corre o dever de aqui lhe consignar-
mos o melhor dos nossos agradecimentos.

* * *

No 4.º congresso pedagogico que a *Liga
Nacional d'Instrucção* vae promover na
proxima Paschoa, deve realisar-se um con-
curso de canções escolares.

Não está ainda publicado o programma
d'esse concurso.

* * *

Da *Provedoria Central da Assistencia de
Lisboa* recebemos uma circular e varias
listas de subscrição, convidando-nos a
tornar publicos os intuitos philanthropicos
d'essa instituição e a recolher na nossa
administração quaesquer donativos, com
que os leitores d'esta folha desejem contri-
buir para auxilio da referida *Provedoria*.

Não hesitamos em exorbitar momenta-
neamente da nossa missão de meros chro-
nistas d'arte, para fazermos o apello dese-
jado, visto tratar-se de uma campanha car-
ritativa, que não pode deixar de ser sym-
pathica a todos.

A *Provedoria* distribue esmolos aos ne-
cessitados, faculta aos doentes pobres o
tratamento de que carecem, fornece ali-
mentação lactea às creancinhas, subsidia e
alberga os velhos, auxilia os estudantes
intelligentes, procura emprego aos desem-
pregados — leva em summa o conforto, a

esmola, o apoio moral e material a todos os desherdados da fortuna.

Esse vasto plano philantropico carece do auxilio de grande numero de particulares, e esse auxilio tanto se pode traduzir por dadivas isoladas como por quantias pagas periodicamente.

Ahi fica pois o apello, com os nossos votos pelas prosperidades de tão meritoria fundação.

ESTRANGEIRO

Por occasião do centenario de Robert Volkmann, que cae em 6 de abril de 1915, projecta-se a erecção de um monumento em Lommatzoch (Saxe), terra natal d'esse estimado compositor.



Carl Goldmark, que completará em maio proximo o seu 85.^o anniversario natalicio, ainda se dedica á composição. Diz elle que se não é velho para compôr enquanto vive a phantasia e o espirito está são.



Em Bolonha pensa-se na creação de uma escola de violaria, com character profissional e pratico, que tenha por intuito o ensino dos melhores processos de construcção dos instrumentos d'arco.

O curso deverá ser de dois ou tres annos e será dirigido pelo violeiro Fiorini, que tem vivido em Munich.



A falta de cantores levou uma companhia de opera lyrica de Nova York a emprehender a fundação de um conservatorio exclusivamente vocal, onde se ministre o ensino do canto aos cidadãos americanos, que quizerem seguir a carreira.



Em Paris formou-se um *comité* para se erigir sobre o tumulo de Raul Pugno um busto destinado a honrar a sua memoria e a recordar o talento do grande artista que acaba d'extinguir-se.



O maestro Cleofonte Campanini abriu a epocha lyrica do Metropolitano de New-York com o *Don Quichotte* de Massenet,

seguindo-se-lhe a *Monna Vanna* de Henry Février e a *Luisa* de Charpentier.

Como se sabe, o nosso conhecido maestro fez-se empregario de grandes companhias lyricas americanas.



Sob o pseudonymo de *Gaianus* publicou agora o professor Cesare Paglia, de Bolonha, um opusculo de combate, *Strauss, Debussy e Companhia*, em que não é positivamente terno para os corypheus da nova escola.

Não conhecemos a obra, que nos dizem ser sincera, quasi até á brutalidade, e sobretudo espirituosa e bem humorada.



Tem causado sensação em Londres o facto de se auctorisar a representação de um drama de Parker, *José e os seus irmãos*, visto até hoje serem expressamente prohibidas todas as representações theatraes com assumptos biblicos.

Parece que a censura londrina, absolutamente intransigente n'esse capitulo até agora, se vae tornando mais tolerante e progressiva.



Annuncia o *S. I. M.* que o grande compositor e mestre Saint-Saëns, que se encontra actualmente no Cairo, partirá dentro em pouco para Bruxellas e Monté Carlo, dirigindo-se em seguida para Lisboa onde vein presidir aos ensaios das suas operas *Proserpina* e *Samsão e Dalila*.

Eis ahi uma noticia verdadeiramente sensacional para nós!



Em avançada idade e no ultimo periodo da miseria falleceu a sr.^a D. Carlota Joaquina Faria, filha legitima do maestro Joaquim Casimiro Junior, uma das maiores glorias da musica portugueza no seculo passado.

Joaquim Casimiro deixou uma outra filha, essa natural, a poetisa D. Angelina Vidal.